



Atividade voluntária em
pesquisa

Decolonização do Conhecimento e Saberes na Obra “Epistemologias do Sul”

PPRR

Autores: Julia Eduarda Giroto, Alexandre Cortez Fernandes

INTRODUÇÃO / OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítica a partir da obra *Epistemologias do Sul* de Boaventura de Sousa Santos, com foco na reflexão acerca do chamado pensamento abissal e a proposta de uma ecologia de saberes. Através dessa abordagem, busca-se compreender os efeitos persistentes do pensamento abissal na modernidade ocidental, bem como a urgência de uma epistemologia alternativa que reconheça a pluralidade de saberes marginalizados. O estudo visa evidenciar como a exclusão cognitiva é inseparável da exclusão social e política, propondo como horizonte a construção de um pensamento pós-abissal.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho baseia-se em uma abordagem qualitativa e teórico-reflexiva. A metodologia adotada consistiu na leitura aprofundada e no fichamento analítico do texto, com foco na identificação dos conceitos centrais. A partir dessa leitura, buscou-se construir uma interpretação crítica das ideias do autor, contextualizando-as dentro do campo epistemológico e jurídico. O método interpretativo utilizado permitiu evidenciar a estrutura argumentativa do autor e suas contribuições para a crítica ao pensamento moderno ocidental, buscando extrair os principais conceitos estruturantes da obra e organizá-los de forma sistemática para evidenciar sua argumentação central. O método é qualitativo e interpretativo, com enfoque crítico e interdisciplinar, articulando categorias como epistemologia, colonialismo, direito e ciência moderna para refletir sobre os efeitos da divisão abissal no mundo contemporâneo.

RESULTADOS OU RESULTADOS ESPERADOS

transformado em recurso sem reconhecimento de autoria ou legitimidade. A análise demonstra que o colonialismo não desapareceu com a independência dos países colonizados; ele persiste sob novas formas, inclusive nas próprias sociedades ocidentais, com o retorno simbólico do colonial sob as figuras do imigrante, do refugiado e do terrorista. Assim, o espaço metropolitano, antes protegido, passa a ser também cruzado por linhas abissais internas. O Estado moderno adquire feições de um novo estado de natureza, onde proliferam formas do chamado fascismo social - contratual, territorial e institucional - que reduzem direitos e aprofundam desigualdades.

Como resposta a essa lógica, Boaventura propõe o pensamento pós-abissal, fundamentado numa ecologia de saberes. Esse novo paradigma busca reconhecer a diversidade epistemológica do mundo e articular, de forma não hierárquica, conhecimentos científicos, filosóficos, teológicos e populares. Os movimentos indígenas são apontados como protagonistas paradigmáticos dessa resistência, pois suas práticas e concepções emergem historicamente do lado negado da linha.

Dessa forma, o pensamento pós-abissal representa não apenas uma alternativa teórica, mas uma ferramenta de luta política e epistêmica por justiça cognitiva e social. Ele implica amplificar saberes silenciados, romper a colonialidade do saber e do poder, e construir práticas democráticas fundadas na pluralidade e no diálogo entre diferentes racionalidades. Com isso, reafirma-se que nenhuma transformação social ampla será possível sem que se confronte, ao mesmo tempo, a exclusão dos saberes e das vozes que sustentam outras formas possíveis de existir no mundo.

RESULTADOS OU RESULTADOS ESPERADOS

O principal resultado da análise é a identificação da linha abissal como uma metáfora central para compreender a maneira como o pensamento moderno ocidental estabelece uma divisão radical entre o que é considerado conhecimento válido e o que é relegado à inexistência epistêmica. Essa linha separa dois universos ontológicos: De um lado, o das sociedades metropolitanas, da ciência, da filosofia e do direito oficial; do outro, o dos territórios coloniais, dos saberes populares, indígenas, espirituais, não reconhecidos como conhecimento.

A partir dessa divisão, a modernidade institui uma exclusão radical que não é apenas de conteúdo, mas de existência. O que está do outro lado da linha não é considerado, é simplesmente inexistente ou irrelevante. Essa exclusão se manifesta no campo do conhecimento, com o monopólio da ciência moderna sobre a verdade; no campo do direito, com a imposição de uma legalidade oficial que torna invisíveis outras formas de normatividade; e no campo político, com a criação de zonas de não-direito, de "a-legalidade", especialmente nos contextos coloniais e pós-coloniais.

A tensão entre regulação/emancipação e apropriação/violência é uma chave analítica fundamental. Enquanto o primeiro par estrutura o pensamento jurídico e político dentro das sociedades metropolitanas, o segundo expressa a forma de atuação das metrópoles nos territórios coloniais: uma lógica de destruição, pilhagem e exclusão. Essa tensão é visível também nas formas de apropriação do conhecimento indígena e popular,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento abissal, como exposto por Boaventura de Sousa Santos, revela uma estrutura de exclusão que atravessa o conhecimento, o direito e a política na modernidade ocidental. Ao separar o mundo em dois lados, o reconhecido e o invisibilizado, cria-se uma lógica que apaga saberes, culturas e existências que não se enquadram nos moldes dominantes de verdade ou legalidade. Essa divisão histórica permanece viva hoje, especialmente nos contextos de desigualdade, colonialismo persistente e exclusão epistêmica. A proposta do pensamento pós-abissal é, portanto, uma forma de resistência e reconstrução. Ela exige o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo e propõe uma ecologia de saberes que valorize, de forma não hierárquica, todos os modos de conhecer. Mais do que uma crítica à ciência moderna, trata-se de um convite à transformação ética e política. Reconhecer os saberes silenciados e as vozes excluídas é condição para qualquer projeto real de justiça social e democrática. O pensamento pós-abissal nos convida, enfim, a imaginar outras formas de futuro, plurais, solidárias e verdadeiramente inclusivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. 2. ed. Coimbra: Almedina Brasil, 2010.

APOIO: UCS, CNPQ